

O DESAMPARO E AS RESPOSTAS DO SUJEITO: UMA LEITURA DO TEXTO FREUDIANO “A NEGAÇÃO”

*Magali Milene Silva**

RESUMO

O presente artigo visa discutir o texto freudiano de 1925, “A negação”, situando três diferentes níveis para pensar a negação: no discurso em análise, endereçado ao analista; na estrutura clínica (neurose, perversão e psicose), como efeito de modos de negação; na estrutura da linguagem, fundamentada em um hiato. Trata-se, pois, de uma investigação teórica de cunho psicanalítico e, nesse percurso, conceitos fundamentais da psicanálise são trabalhados em sua relação com a negação constitutiva da estrutura da linguagem e com a negação constitutiva das estruturas clínicas. Conclui-se, por um lado, que a noção de negação é fundamental para o alicerce teórico freudiano, nos diferentes níveis em que se apresenta, sendo importante diferenciá-los para que não se perca o rigor teórico na passagem de um ao outro. Por outro lado, a noção de negação é importante para a direção da prática clínica psicanalítica, uma vez que o processo de uma análise se faz pelo atravessamento do mecanismo de negação, por meio do vislumbre de algo do negado e da invenção de modos de manejo que ultrapassem a posição ética/epistemológica primordialmente adotada como negação da castração.

Palavras-chave: Negação; Freud; estrutura clínica.

*Professora do Departamento de Psicologia da UFSJ (Universidade Federal de São João del Rei), membro do Núcleo de Pesquisa e extensão em Psicanálise (NUPEP). Doutora em Psicanálise pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), mestre em psicologia pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), graduada em psicologia pela UFSJ (Universidade Federal de São João del Rei). Membro do Laço Analítico/Escola de Psicanálise. E-mail: magalimilene@ufs.edu.br

HELPLESSNESS AND THE SUBJECT'S RESPONSES: A DISCUSS OF THE FREUDIAN TEXT "THE NEGATION"

ABSTRACT

This article aims to discuss the Freudian text of 1925, "The negation", placing three distinct levels to think about negation: in the discourse under analysis addressed to the analyst; in the clinical structure (neurosis, perversion and psychosis) as an effect of modes of negation; in the structure of language, based on a hiatus. In this path, fundamental concepts of psychoanalysis are discussed in their relationship with the constitutive negation of the structure of language and with the constitutive negation of clinical structures. It is concluded that the notion of negation is fundamental to the Freudian theoretical foundation, in diverse levels, and it is important to keep rigor in the passage from one to the other. Furthermore, the consideration of the notion of negation is important for the direction of an analysis, since the process of an analysis is carried out through the crossing of the mechanism of negation, through the glimpse of something that is denied and the invention of new managements that go beyond the ethical/epistemological position primarily adopted as the denial of castration.

Keywords: Negation, Freud, clinical structure.

DÉTRESSE ET RÉPONSES DU SUJET: UNE LECTURE DU TEXTE FREUDIEN « LA NÉGACTION »

RESUMÉ

Cet article vise à discuter le texte freudien de 1925, « La négation », en proposant trois niveaux différents pour penser la négation: dans le discours sous analyse adressé à l'analyste; dans la structure clinique (névrose, perversion et psychose) comme effet des modes de déni; dans la structure du langage, fondée sur un hiatus. Dans ce parcours, les concepts fondamentaux de la psychanalyse sont travaillés dans leur relation avec la négation constitutive de la structure du langage et avec la négation constitutive des structures cliniques. On conclut que la notion de négation est fondamentale au fondement théorique freudien, dans les différents niveaux où elle se présente, et qu'il est important de les différencier ces niveaux pour ne pas perdre de rigueur dans le passage de l'un à l'autre. Par ailleurs, la prise en compte de la notion de négation est importante pour le direction d'une analyse, puisque le processus d'une analyse s'effectue par le croisement du mécanisme de la négation, par l'aperçu de quelque chose qui est nié et l'invention de modes de gestion pratiques qui vont au-delà de la position éthique/épistémologique adoptée principalement comme le déni de la castration.

Mots clés: Déni, Freud, structure clinique.

Die Verneinung, “A negação”, é um artigo curto e denso, publicado em 1925, que provocou muitos trabalhos que vão desde críticas epistemológicas, como as que lhe endereçam Wittgenstein e Popper, até uma construção que lhe atribui função nodal no diagnóstico psicanalítico, como propõe Jacques Lacan. Nesse artigo, Freud (1925/2016) discute acerca da cara questão filosófica “como conhecemos”, entretanto sua visada é clínica, pois o que articula é o lugar da negação na constituição psíquica e como isso aparece na escuta analítica. De qualquer modo, o encaminhamento dado à questão não tem nada de trivial, uma vez que propõe que conhecemos a partir de um desconhecimento fundamental, conhecemos afetivamente e, mais ainda, esse conhecimento é fruto de uma defesa que se orienta pela tentativa de evitar o desprazer. Defesa que funda o conhecimento ao negar sua inconsistência fundamental. Ou seja, o conhecimento, antes de ser intelectual, é afetivo. A operação que o funda para um sujeito é uma negação, efeito de uma defesa. Ele é constitutivamente inconsistente ou ao menos incapaz de garantir suturar o problema da satisfação, como se propõe.

Proponho trabalhar em torno da pergunta sobre o que o artigo “A negação” nos ensina para a clínica, ao construir a posição do sujeito em torno de uma negação. E apresento, como chave de leitura, uma diferenciação entre dois níveis de constituição do problema, nos quais a discussão pode ser encaminhada: o universal da castração e a estrutura clínica, que Freud depreende a partir do que escuta do discurso do paciente em análise, das narrativas clínicas. Com a expressão universal da castração, pretende-se referir ao hiato constitutivo dos seres de linguagem, sendo as estruturas clínicas modalidades de respostas a esse hiato. Ou seja, trata-se, em uma análise, de depreender do discurso do analisando (um terceiro nível em que Freud analisa a negação) a estrutura de desconhecimento da falta estrutural aos seres de cultura, em que ele funda seu modo de conhecer e, assim, seu modo de estar no mundo e de padecer dessa posição.

Freud (1925/1996) faz o percurso do plano discursivo expresso na narrativa do paciente em análise a ele endereçada, à estrutura subjetiva, à estrutura da linguagem. Assim, Freud recolhe da fala do paciente em análise expressões que se utilizam da negação para tornar suportável que uma ideia venha à consciência, por exemplo, ao dizer ao analista: o senhor deve estar

pensando que tenho sentimentos hostis em relação ao senhor, mas isso não acontece. Outro célebre exemplo trazido por Freud é o do paciente que relata um sonho com uma mulher, contando ao analista que essa mulher que aparece no sonho não é sua mãe. Assim, haveria certo uso da negação na fala para que pudesse ser admitido expressar certas ideias. Um conteúdo é dito contanto que não seja admitido como pertencendo ao eu que o enuncia. Mas a que mecanismos esse tipo de articulação atende? Para trabalhar essa questão, Freud se volta à constituição psíquica e ao recalde até chegar ao problema inerente aos seres de linguagem, a um hiato que lhes é constitutivo. Aqui, proponho que partamos desse primeiro ponto, da pergunta sobre como se constituem os seres de linguagem, ponto importante para Freud e a partir do qual ele constrói a psicanálise ao situar aí uma posição ética.

O objetivo é demonstrar, através da discussão do artigo freudiano “A negação”, como a questão epistemológica é basal na clínica psicanalítica, abrangendo o modo como o sintoma se exerce no laço social, as modalidades subjetivas de resposta de negação e o hiato constitutivo de que o aparelho psíquico se defende ao constituir-se. Embora o texto de Lacan também seja mencionado e oriente a direção de leitura aqui adotada, a proposta metodológica é uma investigação teórica que se apoie na discussão em outros textos do próprio Freud.

O DESAMPARO CONSTITUTIVO E SUA NEGAÇÃO

Embora Freud nos apresente a psicanálise como um constante *work in progress*, como uma teoria em movimento, a noção de um aparelho psíquico constituído a partir de um impasse intransponível que requer um posicionamento subjetivo e constante trabalho psíquico permanece, mesmo sendo elaborada com diferentes operadores ao longo da obra. Tal como anuncia sua famosa frase dos “Estudos sobre a histeria”: “a histeria sofre de reminiscências” (Freud, 1893-1895/1996, p. 43), o sofrimento psíquico está relacionado, para Freud, à questão do conhecimento ou, mais especificamente, de um desconhecimento fundamental. Ora, o recalde não implica exatamente os efeitos de sofrimento provocados por um não querer saber? Poderíamos, então, dizer que um tratamento analítico é tratamento epistemológico?

Em 1891, nos primórdios de seu trabalho, Freud, estudioso dos grandes fisiologistas da época, toma uma posição decisiva para o que viria a ser a criação da psicanálise. Ao tratar do tema das afasias, esse tão diversificado campo de distúrbios de linguagem, Freud (1891/2013) começa retomando as concepções de sua época para delas se diferenciar, caracterizando o modo como lhe interessa abordar o problema: a partir da singularidade do funcionamento do aparelho de linguagem.

Representantes da medicina anatomopatológica, como seu mestre Meynert, propunham considerar o problema das afasias a partir da correlação entre regiões cerebrais e funções da linguagem. Paul Brocca (1824-1880) situara uma região cerebral no lobo frontal, relacionada à produção da linguagem, cujas lesões justificariam algumas afasias. Carl Wernick (1848-1905) havia identificado a região relacionada ao reconhecimento, à interpretação e à associação de informações, situando aí outros grupos de afasias.

Freud (1891/2013) retoma essas considerações para afirmar que seu trabalho se volta a outro campo de problemas. Assim, ele toma as afasias não em sua dimensão de consequência de órgão defeituoso, mas como efeito de articulações do aparelho de linguagem, que trabalha por meio de associações de representações. Ora, para saber como esse aparelho funciona, ele deveria acompanhar as associações de representações desses pacientes, ou seja, dispor-se a escutá-los, identificando não apenas as representações significativas, mas as leis de seu encadeamento; não somente o conteúdo importante para aquele que discursava, mas o modo como esse conteúdo se organizava.

De acordo com Freud (1891/2013), as experiências perceptivas seriam registradas pelo aparelho; no entanto, não se trataria de decalque, de colagem na memória dos objetos percebidos, mas de registros que organizariam ou tornariam as experiências perceptivas possíveis, de modo que poderíamos dizer que nesse aparelho não haveria percepção sem a organização psíquica que lhe conferiria um campo de inteligibilidade. Freud preocupa-se em caracterizar o funcionamento do aparelho de linguagem, descrevendo a associação como sua operação essencial, desdobrando-se em vários níveis (Freud, 1896/1996) e trazendo a palavra como unidade funcional da linguagem (Freud, 1891/2003). As percepções seriam organizadas no aparelho de linguagem em complexos associativos.

Freud (1891/2013) exhibe a representação como um complexo associativo constituído a partir de inscrições deixadas pela passagem das excitações. A associação dessas inscrições perceptivas constituiria as imagens: imagem do som (acústica), cinestésica, imagem visual e, delas derivadas, a imagem visual das letras, imagem de movimento da fala e a imagem de movimento da escrita. As imagens também seriam registros associativos fluidos, formados a partir de reorganizações sucessivas das percepções. A imagem acústica seria a primeira a se formar, trazida pelo outro aparelho de linguagem em relação ao qual cada aparelho de linguagem se constitui. Assim, as demais imagens se formariam em algum modo de relação a ela. Dito de outra forma, a imagem não seria um elemento, mas um processo associativo; e a representação, uma rede de processos associativos (rede de imagens). Freud caracteriza representações de objeto e de palavra, ou talvez representações objeto e representações palavras, sem o genitivo que indicaria a tradução de um nível no outro.

A representação objeto (ou representação coisa, como nomeará em 1915a) seria um complexo associativo das representações perceptivas. Haveria uma vasta possibilidade de sequências de impressões na mesma cadeia associativa, por isso seria aberta, efeito da dispersão sensível e da constante possibilidade de modificar os complexos associativos que constituiriam suas imagens. Já a representação palavra seria fechada, limitada. Só adquiriria significação ao se ligar a representações de objeto. Assim, a significação seria efeito da ligação de dois conjuntos complexos, não havendo predeterminação para essa ligação (não tem referente). A imagem acústica (do som) faria essa ligação capaz de produzir significação. Freud (1891/2013) é categórico ao afirmar que um aparelho de linguagem se constitui a partir de outro aparelho de linguagem, de modo que a imagem acústica, trazida pela voz do outro que acolhe a criança e a força à função de comunicação [como Freud (1895/1996) afirma no “Projeto de uma psicologia”], tem uma função crucial nesse processo. No Projeto, o desamparo é a pedra angular que obriga à comunicação. Dito de outro modo: há, de saída, uma carência, e é essa ausência que coloca o jogo da constituição psíquica em andamento.

Como ficaria o referente nesse campo das representações? Estaria Freud propondo um aparelho psíquico que construiria registros correspondentes a

objetos externos? Ou seja, que transporiam para o campo da linguagem um campo da realidade a ele externo? Ou estaria Freud propondo um aparelho psíquico que funcionaria segundo suas próprias leis de organização, construindo, com isso, a percepção e a realidade, independentemente dos objetos? Penso que nenhuma dessas posições contempla a singularidade da proposta freudiana. Se, por um lado, não se trata de uma correspondência entre pensamento e coisa que garantiria a veracidade do pensamento, também não o seria sem referente. Mas esse referente tem uma propriedade muito particular, de exercer sua função ao faltar. Proponho retirar da leitura que Lacan (1955-1956/2002) faz sobre o par *Bejahung-Austossung*, afirmação-expulsão, a noção de que se trata de um referente negativedo. Não haveria um objeto positivado em relação ao qual o conhecimento faria sua ancoragem, mas existiria uma ancoragem na ausência do objeto. Lacan situa essas operações como fundadoras do campo simbólico, remetendo a um momento mítico da constituição do sujeito.

A função do aparelho psíquico proposto no Projeto é descarregar a energia proveniente dos estímulos, mantendo o nível de excitação do sistema baixo, mas não nulo, de forma que o aumento da excitação é sentido como desprazer; e sua diminuição, como prazer. A passagem da excitação pelo aparelho deixaria registros que seriam utilizados para organizar as experiências de satisfação (Freud, 1895/1996). Ou seja, é em torno do problema da satisfação que a possibilidade do conhecimento e da linguagem se constituíam. A noção de desamparo tem aí um papel fundamental.

O desamparo refere-se à dependência de outra pessoa para sua autopreservação, como acontece com o bebê humano ao nascer; entretanto, essa ajuda externa não se reduz à satisfação da necessidade, ela introduz a criança na ordem da linguagem, uma vez que requer a função de comunicação. A situação de dependência seria intolerável para a criança, que começaria a construir estratégias para contornar essa posição radical de desamparo, constituindo, com isso, um aparelho psíquico. Não sendo um animal orientado por instintos, mas um ser marcado pela linguagem, o homem deve inventar modos de se relacionar com o mundo. Faltaria ao humano, porque humano, porque obrigatoriamente um ser de comunicação, porque possuidor de um aparelho de linguagem, o objeto programado da satisfação, o objeto que integrallizaria a satisfação.

Posteriormente, Freud (1900/1996) trabalha o problema da satisfação e a constituição psíquica em termos que nos interessa aqui resgatar. As primeiras experiências de satisfação, cuja imagem mítica mais exemplar é a criança diante do seio materno, em que a energia atravessa o aparelho do polo perceptivo ao polo motor, que deixaria registros *mnêmicos*, inscrevendo representantes dessa satisfação. Ao mesmo tempo em que essa experiência é registrada, ela é perdida como natural. Na verdade, o que se inscreve da satisfação não é a satisfação mesma, mas um representante dessa experiência, e é com esses representantes que o aparelho psíquico se constitui e opera. Diante de outra excitação, o aparelho psíquico tenderia a buscar no registro (traço *mnêmico*) o caminho para a satisfação, o que pode levar até mesmo a alucinar o objeto, percorrendo o caminho inverso do aparelho (regressão). Ou seja, o que ficou registrado não é a experiência de satisfação, mas um traço indicativo de sua passagem. A experiência de satisfação é sentida, então, como perdida, como deslocada em um tempo sempre anterior. Gradativamente, os registros vão se tornando mais complexos e novas redes associativas formam representações, e as representações se associam, formando uma rede que se coloca diante da excitação, mediando e modelando a satisfação, e situando a experiência humana com a satisfação: a satisfação que sofre esses desvios pelo campo associativo das representações não pode ser reconhecida como tal.

Pode-se mesmo inferir que nesse aparelho não pode haver ao mesmo tempo satisfação e saber: para poder reconhecer uma experiência de satisfação como tal, é preciso que o aparelho recorra ao registro; mas, se há um registro, já se trata de outra ordem, que imprime a mediação à satisfação. Isso quer dizer que, quando a criança procura repetir a experiência de satisfação, já está orientada por um princípio organizador, o princípio do prazer, e não por instintos que conduzem à satisfação, constituindo outro campo de problemas. Na verdade, não há uma anterioridade natural, como a elaboração freudiana pode conduzir a pensar em alguns pontos. É apenas de um lugar já inserido na ordem dos registros e mediações que podemos supor uma anterioridade, que é, portanto, mítica.

Para Freud (1924/2016a), podemos dizer que o referente está perdido para todos, sendo a realidade uma construção psíquica. A noção de *das Ding* (Freud, 1895/1996) como a coisa que falta desde sempre, como

uma falta primordial, nos ajuda a compreender essa ideia, pois aponta a impossibilidade radical de encontro com esse objeto que integraria a satisfação, que referenciaria o conhecimento. É essa impossibilidade estrutural que permite a construção do aparelho psíquico. Se a coisa, como referente último, falta, é no campo da representação (*Vorstellungen*) que a realidade se constitui para os seres inseridos na linguagem; mas a constituição da representação como referente será sempre algo arbitrário, uma vez que contingente, podendo ser infinitamente outra que aquela que se apresenta para um sujeito. No entanto, para um sujeito, uma vez que se constitui como tal, não pode ser outra que aquela que é. É no campo da representação, mas campo constituído pelo que não se deixa representar.

No final do artigo “A negação”, Freud (1925/2016) traz o par *Bejahung/Austossung*, afirmação/expulsão, que, seguindo Lacan (1955-1956/2002), podemos considerar como fundante. Ao constituir o campo da linguagem, algo é deixado de fora, é expulso. Alguns autores propõem uma anterioridade lógica da Afirmação, da *Bejahung*, sobre a expulsão, a *Austossung*, como nos parece autorizar a análise de Freud sobre a fala do paciente em análise, ao propor que, se ele nega que seja sua mãe, é porque anteriormente teria havido uma afirmação dessa relação. Sustento que essa articulação é pertinente para o recalque secundário, mas não para o recalque primário, que fundaria o psíquico ao fundar o campo da representação, deixando algo de fora (a irrepresentabilidade da coisa).

Penso que, considerando esse nível fundante das questões humanas, das questões de linguagem, essas operações seriam sincrônicas: uma mesma operação funda o campo da linguagem e funda o campo do fora da linguagem. Não é anódino que Freud (1925/2016) os tenha associado no referido texto com a pulsão de vida, a afirmação, e com a pulsão de morte, expulsão, uma vez que a pulsão de morte se faz na definição que Freud (1920/2020) lhe dá em 1920, no silêncio da representação. Considerar que a pulsão de morte é primeira, e que depois haveria pulsão de vida com o trabalho de simbolização, de ligação nas representações para descarga, seria considerar que haveria uma anterioridade humana fora da linguagem, e penso que é mais condizente com a proposta freudiana, de modo que, a rigor, só poderíamos falar do campo da pulsão de um lugar já inserido na linguagem, mesmo que se referindo a algo fora dela.

Arrisco, portanto, a hipótese de que a operação de registro e expulsão do irregistrável, o recalque primário, estaria para todos. No entanto, podemos falar da questão em um outro nível, no nível das respostas ao desamparo constitutivo, como veremos no tópico a seguir.

A pulsão não tem representação psíquica, mas se faz representar no aparelho psíquico. O *Vorstellungsrepräsentanz*, representante da representação, ou representante de representação, representante da representância ou representante do domínio da representação, é assimilado por Lacan (1959-1960/1997) ao significante. Instauração das condições de possibilidade da representabilidade, mas com uma característica bastante peculiar, de não representar nada de externo, embora tenha como margem a irrepresentabilidade da Coisa. Podemos apresentar o representante do domínio da representação como o campo da pulsão que é possível de ser capturado pelo psíquico, por isso ele é fundante, ele funda o campo da representação. A pulsão, entre o somático e o psíquico, conceito fronteiriço, é representada psiquicamente pelos seus representantes. A pulsão não pode ser objeto do sistema consciente ou inconsciente, mas o aparelho psíquico é o trabalho de dar-lhe um campo psíquico, trabalho precário e margeado por um resto (pulsão de morte) que convoca ao novo trabalho. Podemos considerar, assim, que a pulsão é a passagem moebiana em torno da qual o aparelho psíquico se constitui, torção nas noções de dentro e fora, somático e psíquico, sujeito e Outro. A pulsão não tem objeto e imprime ao psíquico o trabalho em torno do problema da satisfação, trabalho daqueles que possuem aparelho de linguagem, constituído em relação a outro aparelho de linguagem.

Outra maneira como Freud (1915/1996a) fala do *Vorstellungsrepräsentanz*, é como delegado psíquico da pulsão, possuindo também uma dupla face, do campo da pulsão e da representação, do campo afetivo e ideativo, quantidade e qualidade, intensidade e organização, descarga e investimento. A angústia, nessa lógica, poderia ser pensada como pura intensidade sem o componente ideativo, mas ainda assim um modo de a pulsão representar psiquicamente (sinal). Freud parece situar que o investimento não é em objetos externos ao aparelho, mas nas representações, dando pistas importantes do efeito que uma análise pode ter no modo como esse investimento é conduzido. Dito de outra forma,

porque a Coisa que satisfaria integralmente o instinto falta no campo pulsional, campo que se inaugura com a explosão que nos constitui como seres de linguagem (aparelhos de linguagem constituídos por outro aparelho de linguagem, graças ao desamparo), o objeto da satisfação é articulado no campo da representação, mas a satisfação só poderá ser encontrada parcialmente, como reencontro, em sua cota de inadequação à satisfação primeira, mítica.

Recalque originário é o operador que liga recalque e pulsão, instituindo o inconsciente, pois ele cria o campo da representação no psíquico; o agente desse campo é o *Vorstellungsrepräsentanz*. Consideração interessante, pois não é a pulsão que é recalçada, mas seu representante, já colocando aí o campo de problemas de que se trata. Penso que ele inaugura a possibilidade de trabalho com a pulsão, ao abrir a possibilidade de ligação (investimento) para viabilizar a descarga (afeto). E penso que o *Vorstellungsrepräsentanz* é uma arbitrariedade, pois a pulsão não pode ser representada psiquicamente; assim, seu ponto de partida é uma impossibilidade que vai convocar constantemente o trabalho psíquico. O recalque primário cria o inconsciente ao negar a impossibilidade de sua empreitada. Ele cria uma cisão que funda o psíquico, instituindo, ao mesmo tempo, a possibilidade da palavra e o impossível de dizer. O recalque secundário trabalha essa impossibilidade, negando-a e tomando-a como uma impotência, deslocando o investimento entre representações que darão notícias dessa impossibilidade. Conforme Lacan (1953-1954/1986) afirma, para que se origine o recalque, é preciso que exista um para além do recalque, que é deixado por ele de fora, negado, tratado “como se não existisse”, o que acaba por criar um polo de atração. Ou seja, que algo seja expulso do campo da representação.

O psíquico constituir-se-ia a partir de uma espécie de operação de negação, o recalque primário, que torna possível o campo da representação, fixando uma marca de sua existência trazida pelo outro aparelho de linguagem, que cerca e antecede o sujeito em constituição. Indicação freudiana desde o início de sua obra: o aparelho psíquico não é autofundado, mas tributário do outro languageiro que o antecede. Mas, o que o recalque primário nega? Talvez possa colocar a hipótese de que ele nega que é impossível representar psiquicamente a pulsão, fixando marcas a

partir das quais o investimento pode deslizar; mas essas marcas são duplas, pois representam ao mesmo tempo a possibilidade do trabalho com a pulsão e sua impossibilidade inerente (resto). Ou seja, o recalque primário nega a ausência de referente. A ausência de correspondência entre Coisa e representação. Mas, ao mesmo tempo, conserva a Coisa como um referente ausente. Há uma margem, mesmo que essa margem seja abissal.

AS RESPOSTAS AO DESAMPARO: MODALIDADES DE NEGAÇÃO

O recalque originário é a lembrança impossível; não é possível rememorar-lo, pois ele é a fundação do campo dos registros mnêmicos, e ele o funda ao deixar algo de fora. Ou seja, é uma espécie de marca ausente, registro negativo. Quero dizer que, no recalque primário, não é uma representação que é recalçada, como no secundário, mas uma ausência de representação, ou a insuficiência constitutiva da linguagem. Inscrição primordial que fixa o campo da representação como via para o investimento pulsional. Marca primeira que institui o campo das marcas e com ele as possibilidades de organização da satisfação. Registro mítico da primeira experiência de satisfação que sofrerá constantes retranscrições, constituindo a organização psíquica em extratos (Freud, 1896/1996). A inscrição de um traço corresponde a uma espécie de fixação, uma vez que tem como efeito uma facilitação, o estabelecimento de vias preferenciais para a satisfação.

O recalque secundário trabalharia essa ausência negando-a e colocando em seu lugar uma representação. Como Freud (1894/1996) caracteriza desde o início de sua obra: torna inconsciente a representação incompatível e desloca o afeto para outra representação. Ou seja, torna inconsciente o fato de que há uma incompatibilidade inerente ao campo das representações e desloca o afeto para outra representação, mantendo o problema no campo das representações. O processo é contínuo e, nesse deslocamento do afeto pelas representações, constitui o campo do desejo (*Wunsch*), que é o deslocamento do afeto pelo campo das representações em direção ao mais longe possível da ausência que o causa. É um processo contínuo de reorganização, mas tendo como ponto de partida um mesmo equívoco, o irrepresentável, em que a representação se enraíza. O recalque secundário é um encaminhamento para a satisfação pulsional, ele trabalha

para chegar a uma satisfação possível – ele não impede a satisfação, ele a organiza. Talvez a questão interessante, a questão de uma análise seja: é possível construir outros modos de organização da satisfação? Além do recalque? Ou, mais ainda, além da negação? É possível outro contorno para o hiato constitutivo das questões humanas, que não negando?

O recalque secundário é um processo constante, convocado cada vez que algo remeter à representação recalçada e, para manter-se, requer constante investimento (Freud, 1915b/1996). Essa observação já nos indica efeito importante de uma análise, pois esse investimento a ser constantemente feito no recalque mobiliza o aparelho psíquico, dificultando novos investimentos. Assim, como Freud (1904/2017) já havia nos apontado, aquele que passa por uma análise, tendo desfeito os investimentos sintomáticos, está mais disponível para realizar e fruir com satisfação.

Nos artigos “As neuropsicoses de defesa” (Freud, 1894/1996) e “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” (Freud, 1896/1996), Freud afirma que o trauma, causador das neuropsicoses, refere-se a uma representação insuportável para o sujeito. Segundo sua construção teórica nesses artigos, a representação incompatível com a organização psíquica seria recalçada, operando uma divisão da consciência, e o afeto investido na representação inassimilável seria deslocado. Na neurose, ocorreria um deslocamento do afeto: no caso da histeria, para uma representação do corpo; no caso da neurose obsessiva, para uma representação de pensamento¹. Já na psicose, o sujeito negaria a representação e o afeto nela investido como se nunca tivesse ocorrido, e em seu lugar surgiria uma representação alucinatória ou delirante, ou seja, juntamente com a representação, um pedaço da realidade seria perdido. Freud supõe ainda que essa incompatibilidade representativa ocorrida na origem das neuropsicoses de defesa tem origem com o trauma sexual, que responde exatamente por uma impossibilidade representativa, de tal forma que o sujeito tentaria se defender do afeto nele provocado por esse evento, esquecendo (recalcando) a cena traumática e substituindo-a por outra lembrança.

O artigo sobre o narcisismo traz uma reconfiguração da questão do diagnóstico para Freud (1914/1996). Em termos esquemáticos, podemos dizer que Freud articula que o encontro com a castração (impasses da impossibilidade de satisfação plena) provoca introjeção da libido, que

sofre recalque e deslocamento para a fantasia, reinvestindo objetos, no caso das neuroses de transferência; ou rejeição, como se não existisse, e o investimento é mantido no Eu, no caso das neuroses narcísicas.

O termo neurose de transferência descreve o investimento nos objetos através da fantasia, investimento que é reeditado na relação com o analista, podendo ser trabalhado em uma análise. Freud (1914/1996) antecipa aí a ideia que será mais bem articulada após a segunda tópica sobre a construção da realidade psíquica na neurose e na psicose. Diante de um conflito, de uma frustração da satisfação sentida como intensamente conflitiva (incompatibilidade no campo da representação), o neurótico retira a libido dos objetos, retornando a libido ao Eu e, após trabalho com a fantasia e mediado por ela, retoma investimento nos objetos de forma que a libido passa a ser fixada em certos modos de satisfação, constituindo o sintoma. Nas neuroses narcísicas, haveria um afastamento do investimento na realidade, negando a realidade do conflito de forma radical, sem resgatar imediatamente o investimento nos objetos. Teria como efeito uma fixação da libido no Eu, fixação narcísica, de forma a produzir uma regressão mais radical da libido, afetando a relação com a realidade (objetos externos); entretanto, essa regressão pode ser parcial, uma vez que o investimento pode ser resgatado com o delírio.

Em 1924, nos artigos “Neurose e psicose” e “Perda da realidade na neurose e na psicose”, Freud procura descrever as estruturas psíquicas, diferenciando-as quanto ao seu mecanismo de defesa. Na neurose, haveria um conflito entre o Eu e o Isso, no qual o Eu, a serviço do supereu, criaria uma representação substituta àquela intolerável, o sintoma. Enquanto na psicose haveria um conflito entre o Eu e o mundo externo, no qual o Eu, a serviço do Isso, negaria a representação intolerável e com ela um pedaço da realidade, cujo lugar é ocupado pela alucinação e pelo delírio. O sintoma neurótico e a alucinação psicótica seriam formas de retorno daquilo de que o Eu tentou se defender, em que diferentes formas de defesa originam diferentes formas de retorno.

Descrevendo esse mecanismo de defesa, Freud (1924/2016a) assinala que ele se divide em dois momentos. Em um primeiro momento, o sujeito afasta o Eu da realidade; na neurose, o sujeito evita a representação intolerável, recalando-a e tornando-a inconsciente; na psicose, o sujeito

rejeita a representação, como se esta nunca tivesse ocorrido. Em um segundo momento desse processo, o Eu tenta reinvestir na realidade, ou melhor, tenta reconstruí-la para si. O neurótico o faz através da fantasia; o psicótico, através do delírio. Tanto na neurose quanto na psicose, o mecanismo de defesa é malsucedido, uma vez que a pulsão recalçada e o fragmento de realidade rejeitado retornam, impondo-se ao sujeito por meio de manifestações disfarçadas. Na neurose, esse retorno tem uma expressão que podemos chamar de interna, o sintoma. Na psicose, aquilo que foi primordialmente rejeitado retorna, desde fora, como percepção, nas alucinações.

Freud (1924/2016a) destaca, ainda, que o primeiro momento da defesa (o recalque ou a rejeição) é fundamental para a diferenciação da constituição da neurose ou da psicose. Afirma que não se trata apenas da perda da realidade, mas do substituto que é atribuído a ela, substituto esse que depende de como a realidade foi negada. O sujeito construiria desse modo um enquadre – fantasia ou delírio – através do qual se orientaria na relação com os objetos, construindo uma realidade psíquica. O sofrimento psíquico viria da não validade da orientação adotada, ou seja, da falha na realidade construída em obter garantias no campo da satisfação.

No recalque, há um saber não sabido, que se registra, mas se desconecta da consciência, promovendo uma ancoragem (fixação), que ordena o campo da realidade psíquica. Na rejeição, essa fixação viria da possibilidade de articulação de um delírio.

A partir de sua leitura do texto freudiano, influenciado pelo trabalho que Hyppolite faz, Lacan (1955-1956/2002) propõe separar as estruturas psíquicas de acordo com o modo como os sujeitos negam a castração: o recalque (*Verdrängung*), mecanismo da neurose; o desmentido (*Verleugnung*), mecanismo da perversão; e a forclusão ou rejeição primordial (*Verwerfung*), a defesa psicótica.

Na operação de recalque, a representação irreconciliável é mantida inconsciente, e o afeto deslocado para representações a ela associadas, que serão também recalçadas, se ameaçarem se referir a esse hiato constitutivo a que foram previamente associadas. O recalque desloca o afeto para outra representação, procurando manter a incompatibilidade representativa afastada da cadeia associativa. Há, porém, um retorno do recalçado disso de que o sujeito tentou defender-se, mas ele vem deslocado, disfarçado

em outras representações, com o sintoma histérico ou as ideias obsessivas. Assim, o mecanismo do recalque afirma e esconde.

No desmentido, na recusa, na *Verleugnung*, a representação intolerável é ao mesmo tempo aceita e desmentida, promovendo uma escotomização. O sujeito afirma a representação intolerável, mas prefere negá-la em sua crença em uma representação substituta, tornando-se escravo dessa crença, que ele deve encenar para que ela preserve o que esconde. O desmentido ao mesmo tempo afirma e nega. A constituição e o investimento no fetiche fazem as vezes de velamento da castração, ao supor desmenti-la com a presença desse objeto especial (nega que o objeto é constitutivamente ausente). No texto sobre o fetichismo, Freud (1927/2016) afirma que o perverso – ao mesmo tempo – afirma e recusa a castração.

Na operação de rejeição primordial (forclusão), a afirmação não é feita. Essa incompatibilidade representativa não afirmada retorna para o sujeito como vinda de fora, como no fenômeno da alucinação.

Há uma diferenciação no modo como as diferentes posições na negação constroem a função de juízo, em que a noção de realidade se edificaria. Essa função permitiria separar interno e externo (juízo de atribuição), realidade e fantasia (juízo de existência), função que se baseia a partir do manejo dessa falta primordial, que constitui os seres de linguagem, negando-a. Função que se constrói em torno do problema da satisfação, e, mais especificamente, em torno de um princípio negativo, que visa evitar o desprazer (Freud, 1925/2016).

No artigo sobre o narcisismo, Freud (1914/1996) argumenta que o Eu não está presente desde o início; precisa do trabalho de uma nova ação psíquica para se constituir. Propõe uma espécie de percurso de constituição do Eu: autoerotismo, narcisismo primário e narcisismo secundário. Considero que no autoerotismo já podemos falar de uma organização da satisfação, retomando as partes do corpo erotizadas pela experiência de satisfação com o outro, recorrendo ao registro da experiência de satisfação – registro que se faz como borda vazia, em cujo centro está a Coisa perdida (ausente). Ou seja, autoerotismo é um termo curioso, pois só tem autoerotismo porque já tem as marcas do outro (linguagem). Assim, o investimento autoerótico, embora disperso, já se faz no campo da representação, por isso podemos nomeá-lo, apropriadamente, como

sexual. Freud articula nesse texto que é ao direcionar o investimento sexual ao Eu que se forja uma unidade à pluralidade pulsional. Nesse processo de constituição do Eu, o aparelho psíquico realiza uma equivalência entre Eu e prazer, não Eu e desprazer.

A função de juízo aparece nesse texto em duas expressões: o Eu prazer e o Eu realidade, conforme diferencie as funções de prazer/desprazer e eu/outro (dentro/fora), conforme seja capaz de construir mecanismos para identificar a presença do estímulo na realidade externa. A função de juízo refere-se à atribuição de qualidades a algo, qualidade de bom e mal, de interno e de externo, de presença do estímulo na realidade ou na memória. Através da noção de narcisismo, Freud (1914/1996) indica que, na psicose, o Eu regido pelo princípio do prazer se sobrepõe ao Eu regido pelo princípio de realidade. Interessante destacar que o juízo de atribuição, que estabelece a equivalência entre Eu e prazer e entre não Eu e desprazer, é a base a partir da qual o juízo de existência, que separa dentro e fora, eu de outro, realidade de fantasia, constitui-se. O juízo de atribuição constitui-se em um primeiro tempo; e o juízo de existência, em um tempo segundo em relação a esse. Cabe ainda destacar que o juízo de realidade se faz não através da identificação entre representação e objeto da percepção, mas de reencontrar o objeto no campo da representação em sua ausência; nas palavras de Freud (1914/1996, p. 308), “O primeiro e mais imediato objetivo da prova de realidade não é, portanto, o de encontrar na percepção real um objeto correspondente ao representado, mas sim o de reencontrá-lo, ou de se convencer de que ele ainda está presente”.

Freud (1911/1996) sustenta que o aparelho psíquico funcionaria segundo princípios organizadores em relação aos quais o problema da construção de orientações para a satisfação se colocaria. Esses princípios, enquanto regras que organizam um campo, obedecem à máxima negativa: é preciso evitar o desprazer a qualquer preço. O princípio do prazer usa a alucinação, na ausência do objeto, como opção válida à construção de contornos para a satisfação. Porém, esse princípio não dá conta do que se propõe, pois a insatisfação continua mesmo diante do objeto alucinado. Como uma espécie de continuação desse, outro princípio se constitui: o princípio de realidade, cujo objetivo é discriminar a presença do objeto na realidade e adiar ou transferir a satisfação caso o objeto esteja ausente.

O princípio de realidade atesta a verdade de uma percepção através da comparação com traços de memória, estabelecendo a consciência do mundo externo, uma vez que o objeto seja considerado como realmente presente, o princípio de realidade libera a ação do Eu, propiciando descarga da energia pulsional. Apesar do funcionamento do princípio de realidade, algo do pulsional permanece sob a organização do princípio do prazer. Situamos, aqui, o inconsciente e podemos entender o caráter alucinatório dos sonhos e fantasias, assim como seu alheamento ao empírico.

No Projeto, na parte dedicada aos processos primário e secundário, Freud (1895/1996) coloca o problema posto ao aparelho psíquico diante do trabalho necessário com a pressão para a satisfação, de encontrar uma indicação que permita distinguir percepção de lembrança, o sentido progressivo do regressivo no aparelho psíquico. A resposta encontrada por Freud é muito interessante, pois essa função de juízo (ω) é realizada por meio da inibição do investimento nas representações de memória. Ou seja, a discriminação da presença do objeto na realidade depende de uma operação negativa, de inibição do investimento na lembrança, de inibição do investimento desencadeado pelo processo primário.

Desse modo, o Eu seria a sede dessa função inibidora, que propiciaria o processo secundário. “Assim, julgar é um processo ψ que só se torna possível graças à inibição pelo eu e que é evocado pela dessemelhança entre a catexia de desejo de uma lembrança e a catexia perceptual que lhe seja semelhante” (Freud, 1895/1996, p. 380). Para tratar dessa diferença, Freud nos lembra de que uma imagem perceptiva se refere a um complexo associativo, e são as diferenças de constituição desses complexos associativos, portanto operações do aparelho psíquico, que fornecem as vias para diferenciar percepção de lembrança. Ou seja, são frequências ou modulações, ou mesmo arranjos psíquicos, que forjam a diferença interno/externo. Julgar a presença do objeto na realidade requer uma comparação entre complexos que estabeleçam identidade e diferença. Interessante ainda notar que essa função, que culminará na noção de realidade, é chamada por Freud de crença. Ao final do processo, tem-se uma crença na realidade da presença do objeto externamente ao aparelho psíquico.

Freud (1924/2016b) propõe que o “contato puro” com a realidade é impossível para o sujeito, neurótico ou psicótico, então o sujeito renuncia

à realidade (da incompatibilidade representativa, da castração como Freud aponta no texto sobre o narcisismo) e a retém apenas na fantasia neurótica ou no delírio psicótico, ou seja, fantasia e delírio seriam modos de construção da realidade (*Realität*), em resposta à perda da realidade (*Wirklichkeit*). O juízo de realidade se baseia na operação de negação que revela a ausência fundante na origem da experiência de satisfação e a necessidade de trabalhar a satisfação no campo da representação. De algum modo, a neurose faria esse trabalho através de um arranjo particular em torno da articulação de um fragmento da realidade especialmente investido (arranjo edípico), fragmento que é julgado fora do campo psíquico no caso da psicose. Ressalva para indicar que, se o arranjo neurótico é particular, ele se faz com um assentimento a uma imposição coletiva, a de que é preciso uma ordenação simbólica para o fragmento da realidade perdido.

Se a constituição psíquica é o efeito de uma escolha de uma modalidade de não para manejar a ausência constitutiva, podemos afirmar que a constituição psíquica é ética, pois parte de uma posição a ser tomada pelo sujeito, a qual estrutura o modo como considera o referente e como se posiciona no conhecimento. Pelo menos, é essa via freudiana que Lacan segue ao tratar da neurose, da perversão e da psicose como modos de negação da castração. Como a clínica analítica se proporia a tratar essa posição ética, que tem como efeito a posição epistemológica do sujeito?

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA CONCLUIR

As estruturas psíquicas figuram, assim, como respostas paradoxais [para usar um termo de Milner (2006) para nomear a característica essencial de incompletude da resposta] ao universal da castração. Elas circunscrevem uma modalidade de gozo para um sujeito (limitam e possibilitam), mas ao mesmo tempo indicam o furo inerente a toda organização do gozo. Assim, cada sujeito é na estrutura sem ser totalmente subsumido a ela. São respostas ao problema da satisfação, respostas que se constituem no campo da linguagem, mesmo que não estando totalmente contidas nele. E, como tais, são posições. Desse modo, o diagnóstico, a partir da noção de negação, mantém a leitura freudiana sustentada desde o início de sua obra como defesa (contra o conflito, o desamparo,

a castração, a incompatibilidade no campo da representação, o problema da satisfação, o mal-estar), em torno do problema da satisfação. Pensar a partir da negação também é uma forma de destacar sua tessitura ética, pois se trata de uma posição assumida pelo sujeito, que tem como efeito a articulação de um modo de manejo do desamparo.

Consideramos, ao longo do artigo, a posição do sujeito como a do campo do conhecimento fundada a partir de um desconhecimento fundamental, seria o tratamento uma ampliação das possibilidades de conhecer? Levando a conhecer o negado? Essa ideia não parece condizente com o caráter estrutural da negação como Freud nos apresentou. Se pensarmos a neurose, a psicose e a perversão como efeitos de uma posição ética do sujeito, efeito de um modo constitutivo de negação, o tratamento deve contemplar verificar o que foi negado, construindo possibilidades de tomar aí novas posições. Freud (1937/2017a) parece indicar algo a esse respeito ao dizer que o Eu é a sede do recalque e propor que com a análise ele poderia revisitar sua posição primordial de recalque, podendo dar outro destino a isso que foi negado. Seu último trabalho sobre o tratamento (Freud, 1937/2017b), “Construções em análise”, indica a invenção necessária aí para fazer face a uma possibilidade de trabalho diante do impossível de conhecer que vá além do recalque. Assim, a noção de negação apresenta-se como fundamental não apenas para o edifício teórico da psicanálise freudiana, como para a direção tratamento.

REFERÊNCIAS

- Freud, S. (2013). Sobre a concepção das afasias: um estudo crítico. In Freud, S. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1891).
- Freud, S. (1996). Neuropsicoses de defesa. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 3)*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1894).
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (vol.1)*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1895).
- Freud, S. (1996). Neuropsicoses de defesa. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (vol.2)*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1894).
- Freud, S. (1996). Estudos sobre a histeria. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 2)*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1893-1895).
- Freud, S. (1996). Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 3)*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1896).
- Freud, S. (1996.) Carta 52. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (vol.1)*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1896).
- Freud, S. (1996). A interpretação dos sonhos. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 5)*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1900).
- Freud, S. (2017). Sobre a psicoterapia. In Freud, S. *Fundamentos da Clínica. Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1904).
- Freud, S. (1996). Formulações sobre os dois princípios que regem o funcionamento mental. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 12)*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1911).

- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: uma introdução. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 14)*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1914).
- Freud, S. (1996). O inconsciente. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 14)*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915a).
- Freud, S. (1996). O recalque. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud (vol. 14)*. Rio de Janeiro: Imago. (Obra original publicada em 1915b).
- Freud, S. (2020). Além do princípio do prazer. In Freud, S. *Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1920).
- Freud, S. (2016). A negação. In Freud, S. *Neurose, psicose e perversão. Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1925).
- Freud, S. (2016). Fetichismo. In Freud, S. *Neurose, psicose e perversão. Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1927).
- Freud, S. (2016). Neurose e psicose. In Freud, S. *Neurose, psicose e perversão. Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1924a).
- Freud, S. (2016). A perda da realidade na neurose e na psicose. In Freud, S. *Neurose, psicose e perversão. Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1924b).
- Freud, S. (2017). Análise finita e infinita. In *Fundamentos da Clínica. Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1937a).
- Freud, S. (2017). Construções em análise. In *Fundamentos da Clínica. Obras Incompletas de Sigmund Freud*. Belo horizonte: Autêntica. (Obra original publicada em 1937b).
- Garcia-Roza, L. A. (1991). *Introdução à metapsicologia Freudiana, volume 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1986). *O seminário, livro 1. Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (2002). *O seminário, livro 3: as psicoses [1955-1956]*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1997). *O seminário, livro 7. A ética da psicanálise (1959-1960)*.

Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Milner, J. C. (2006). *Os nomes indistintos*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

NOTAS

¹ No processo de defesa operado pela neurose obsessiva, o afeto pode deslocar-se para atos que serão compulsivamente executados ou para ideias que serão compulsoriamente repetidas, como as autoacusações (Freud, 1895/1996).